

# Reflexão bioética

## *Bioethical reflection* *Reflexión sobre la bioética*

Marco Segre\*

### INTRODUÇÃO

O autor vê na reflexão bioética um esforço no sentido de se estabelecer o BEM e o MAL, tão sem pressupostos quanto possível (relatividade do Bem). Embora reconheça que esta colocação pode ser uma “ficção”, podendo-se entender que a estrutura genética do ser, de início, e o conjunto de influências ambientais que ele recebe desenhem precisamente seu caráter, considera válida a análise dessas influências no sentido de se poderem atenuar aspectos que dificultem a vida em sociedade. Lança-se, assim, o conceito de uma “Ética da reflexão autônoma”, tanto mais “autônoma” quanto se quiser refletir sobre o peso dos sentimentos que fazem com que as posições, em bioética, propendam para um ou outro lado. O “bem” e o “mal” são assim relativos, fugindo, essa análise, da visão dogmática que lhe atribuem as religiões, códigos e hábitos e costumes.

A reflexão bioética decorre da conjugação de múltiplos fatores. O fato de nos colocarmos contra, ou a favor, de uma ação ou omissão, sob o ponto de vista ético, resulta de influências as mais diversas.

Já a própria estrutura genética é matriz de nosso pensamento, sendo que o caráter recebe poderosas influências hereditárias. Mas as influências são inúmeras, sendo a personalidade moldada desde o átimo da fecundação e modelada progressivamente por experiências existenciais.

Assim, cada um de nós tem uma bagagem que é bastante responsável pela nossa personalidade, daí decorrendo nossa personalidade e nosso caráter. Admitir-se que “tudo é pré-fabricado”, como muitos entendem, e que nada mais somos do que o resultado de um jogo cujas regras não conhecemos plenamente, não nos premiando a possibilidade de alterar nossas condutas, é abraçar a tese da irresponsabilidade, perdendo importância, então, a educação e a punição para determinados atos.

Sem nos determos, porque seria improficuo, sobre a existência, ou não, do peso de todas essas influências, ao trabalharmos com ética, procuramos refletir, discutir, e, no final, tentamos estabelecer o que consideramos ético, ou não.

Não fiquem de lado as poderosas influências ambientais (culturais, etc.), que vão deixando, instante a instante, suas marcas pessoais sobre a personalidade humana.

Daí, essa Bioética que propomos receber a influência dos hábitos e costumes, e crenças, das diferentes épocas e situações geográficas.

Permanecem apenas, a nosso ver, alguns ilícitos, que, conforme iremos esclarecer mais adiante, protegem a comunidade como um todo, atuando contra a extinção.

Tendemos, muitas vezes, a ler os “proibidos” e os “permitidos” como determinações divinas, ficando, assim, a base da Ética na vontade do “Deus”. Entra-se, assim, no caminho da crença, a crença no que os preceitos ordenam, e a que nós devemos obedecer sob risco de castigo.

Não consideramos importante que a obediência à Lei resulte da crença em Deus, ou da aceitação de regras e costumes que nós próprios estabelecemos. O objetivo é o mesmo, isto é, o de propiciar um convívio humano tão ameno quanto possível.

Percebemos, assim, que muito do que denominamos civilização provém do pensar humano, que à custa de vivências e experiências, vai trilhando o caminho plausível com a cooperação e com a convivência.

O cerne da Bioética, a par das considerações supra, pragmáticas, vimos insistindo, está na afetividade humana. Difícil se tornaria, para nós, a aceitação de nossos atos resultarem apenas da racionalidade, valendo sempre, tão somente, o raciocínio do que é mais ou menos conveniente.

Freud expôs-nos as forças do inconsciente, de onde parte o impulso para que determinadas ações ocorram, sem que percebamos seu verdadeiro objetivo, ainda que

\* Médico. Livre-docente pela Universidade de São Paulo. Professor Titular do Departamento de Medicina Legal, Ética Médica e Medicina Social e do Trabalho. Docente do programa Stricto Sensu (Mestrado) em Bioética do Centro Universitário São Camilo, SP.

nefasto. Com o desenvolvimento da psicanálise, aprendemos a desvendar, em parte, o caráter dessas “pulsões”, e assim possamos reprimi-las, ajustando-nos ao “coletivo”.

Planta-se, assim, a ideia de que o autoconhecimento do ser humano abre seu campo de opções quanto ao seu pensar e ao seu agir.

Muitos outros autores, percebendo-as, trilharam o caminho da descoberta de nossas tendências.

Já no ocaso do século XX, Lévinas escreve sobre “Alteridade”, que é a característica humana “de se colocar na posição do *outro*”, sendo seu cúmplice na dor e no prazer.

Todas essas considerações fazem-nos perceber a dinâmica do “bem e do mal” em nossa mente, trazendo-nos a opção de agir consoante nossa comunidade sem recorrermos necessariamente à postura das religiões (virtude e pecado).

O que foi assim exposto visa a desenhar o que denominamos Ética da Reflexão Autônoma (E.R.A.), embora tenhamos reconhecido, conforme acima ficou esclarecido, que essa “autonomia” pode ser apenas teórica.

É certo, entretanto, que se não admitirmos a possibilidade da existência de autonomia, ao menos em parte,

todas as teorias sobre “educação” cairiam por terra, passando-se a aceitar o pensamento de a pessoa já vir moldado, refratário a quaisquer outras influências.

Dentro dessa óptica – Ética da Reflexão Autônoma –, considera-se decisivo o “cuidar do diferente” do que o de tentar corrigi-lo mediante a punição.

Que fique bem claro que todas as considerações supra são eivadas de imperfeições, uma vez que somos nós mesmos que construímos todas essas teorias, sendo elas também incompletas ou imperfeitas.

Dentro dessa visão que descrevemos, damos extraordinária importância ao lado afetivo dessas reflexões.

A afetividade, conforme já dissemos, está no cerne de toda postura, construindo-se, então, as diversas “teorias” sob sua poderosa influência.

Tudo o que foi acima escrito só vem reforçar afeição da complexidade da “alma” humana, devendo as ciências humanas e sociais levarem em conta todos esses múltiplos aspectos – o nosso escopo na bioética é o de amenizar os conflitos entre as pessoas, preservando, entretanto, a sua individualidade.

---

## **BIBLIOGRAFIA CONSULTADA**

Engelhardt Jr HT. The Foundations of Bioethics. 2nd ed. Oxford University Press; 1996. p. 3-31.

Leibniz. Filosofia – Garzanti; 2001. p. 620-3.

Segre, M. Introdução à Criminologia. In: Cohen C, Ferraz FC, Segre M, organizadores. Saúde Mental, Crime e Justiça. EDUSP; 1996. p. 25-32.

Segre M, organizador. A Questão Ética e a Saúde Humana. Vários autores, 2006.

---

Recebido em: 2 de março de 2010.  
Aprovado em: 26 de março de 2010.